

***“Pela fronteira é incalculável o movimento”*: Imigrantes Europeus nas Vilas do Oeste do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX**

MÁRCIA SOLANGE VOLKMER¹

Resumo: Este trabalho pretende evidenciar a presença dos imigrantes europeus na região de fronteira geopolítica entre o Brasil e a Argentina ao longo da segunda metade do século XIX. Neste período de grande desenvolvimento comercial na região, uma população migrante será atraída para as vilas de Uruguaiana, Itaqui e São Borja, constituindo-se como importantes intermediadores econômicos dos fluxos transfronteiriços.

Imigrantes europeus na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul

Nos relatórios da Repartição de Estatística da Província de São Pedro, os únicos demonstrativos de entrada de imigrantes europeus no Estado referem-se aquelas acontecidas através da Barra de Rio Grande ou então pelo porto de Porto Alegre. De acordo com os encarregados pelo serviço estatístico “pela fronteira é incalculável o movimento”.²

A declaração deste funcionário tem um duplo sentido bastante importante para o meu trabalho. O primeiro, no sentido de que a entrada de imigrantes europeus pela Fronteira Oeste não era contabilizada. Seja por falta de estrutura, fiscalização ou mesmo projetos para tal. Ou seja, o presente trabalho tem como atores indivíduos que não entraram nas estatísticas oficiais da Província. Num outro sentido, talvez o que se procurou revelar com a pesquisa, poder-se-ia referir à grande quantidade desses imigrantes entrados pela Fronteira. Nesse sentido, inimaginável para as autoridades era o fluxo e força das migrações naquela região.³

¹ Doutoranda pelo PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista Capes.

² Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Fundo Estatística. Maço 04. Relatório do Encarregado da Estatística, ano de 1860.

³ Pode-se dizer que são três as principais correntes imigratórias que convergem para esse espaço: um grande número de moradores das províncias da Confederação Argentina, sobretudo correntinos, que aí estabelecem residência; aqueles indivíduos, sobretudo militares, provindos de outras províncias brasileiras; e os imigrantes europeus, tema deste estudo. Cada corrente tem suas motivações e períodos definidos, mas todas acabam gerando um aumento absoluto da população das Vilas da Fronteira e influenciando os níveis de organização política, econômica e social destas cidades.

Apesar dos discursos de existir uma necessidade de povoar e desenvolver a agricultura naquela região essencialmente pecuarista, os projetos de estabelecimento de colônias agrícolas não foram efetivados ao longo desta fronteira entre o Brasil e a Argentina. Um dos projetos cogitados no lado brasileiro na década de 1860 foi a criação de Colônias Militares, com o objetivo de garantir a posse do território cujos limites jurídicos ainda não estavam bem definidos, bem como direcionar imigrantes agricultores para a região das antigas Missões Jesuíticas.

Novos esforços concretos no sentido de estabelecer colônias agrícolas na Fronteira Oeste do Estado seriam realizados no decorrer da década de 1880 e avançando no século XX. Mas, importante é ressaltar que esses projetos não atingiam toda a região da fronteira margeada pelo rio Uruguai. As áreas para as quais se pensou no estabelecimento das colônias agrícolas e militares ficavam todas na região do Alto Rio Uruguai, abrangendo somente o norte do município de São Borja. Toda a extensão ao sul do rio Ijuí, onde a produção pecuarista dos latifúndios era hegemônica, ficou intacta aos planos de desenvolvimento agrícola.

Com relação à região da Fronteira, outras importantes questões interferiam nos projetos de ocupação e exploração econômica do solo. Uma delas era a presença dos ervais, que tomavam grande parte do território desde a presença dos jesuítas. A exploração desse produto torna-se bastante importante em meados do século XIX, quando a sua exportação vai representar grande parte das arrecadações da Província. A erva-mate era extraída de um amplo território, conformado pelo norte/noroeste do estado do Rio Grande do Sul e norte/nordeste da Argentina. Sua exportação se dava através dos portos fluviais, ao longo do rio Uruguai, sendo que a maior quantidade era consumida na Argentina.

Inicia nesse período o grande interesse de particulares na compra por terras nessa região. Região caracteristicamente de grandes propriedades, que será o padrão de vendas ainda seguido até o final do século XIX. Junto com a expansão da grande propriedade, aconteceu a exploração indiscriminada da erva-mate, o que exigiu que se buscassem os ervais cada vez mais afastados dos povoados e, inclusive, que se “extrapolasse” os limites geopolíticos. Assim, encontramos brasileiros explorando os ervais argentinos e vice-versa, passando a existir, igualmente, uma questão de jurisdição territorial.

A legitimidade e ocupação do território nacional ganhava novas dimensões num contexto de indefinição dos limites geopolíticos. A linha de fronteira entre o Rio Grande do Sul e as repúblicas vizinhas será definida somente nos anos de 1851/57, sendo que os últimos litígios fronteiriços com a Argentina se estendem até o final do século XIX.⁴ Ou seja, durante todo o século XIX o objetivo dos estados ainda era assegurar a ocupação e legitimação do território. Fato que se tornava mais importante nos momentos de conflitos e invasões armadas ou então quando estavam em jogo interesses econômicos, como a exploração dos ervais, por exemplo. Da mesma forma, decisivas eram as questões de apoio das elites ao projeto político dos Estados. Por isso tudo, a região da Fronteira no pós 1850 representava para os Estados uma conjugação complexa de interesses e poderes, aliando estabilidade e lucros.

Nesse sentido, apesar dos discursos de atração de imigrantes e desenvolvimento da agricultura na região da Fronteira geopolítica entre o Brasil e a Argentina o que se percebe é que poucas foram as ações realizadas em tal sentido até a década de 1880. Na maior parte do tempo, foi a função estratégico-militar da fronteira que orientou as ações de ocupação e exploração da terra. Em função disso, mantém-se a tradicional estrutura produtiva baseada na grande propriedade e na pecuária bovina, o que acaba minando com as possibilidades do estabelecimento de pequenas propriedades agrícolas.

Tratava-se de uma região com grandes vantagens econômicas e estratégicas, possibilitadas pela navegabilidade do rio Uruguai, pela exploração da erva-mate e ainda pela inconstância da delimitação dos territórios nacionais, seja em função das guerras ou em razão da inexistência de tratados assegurados por ambas as partes em conflito. Todos esses elementos estavam interconectados e receberiam a atenção do Estado. O que se percebe, portanto, é que os projetos de ocupação e exploração da região da Fronteira, ainda no século XIX, continuam conjugando fundamentalmente interesses de ordem político-militar aos interesses econômicos particulares.

Para além das ações estatais, no entanto, a região da Fronteira Oeste constituiu-se atrativa para os imigrantes europeus em função do desenvolvimento comercial que faz com que pequenos núcleos urbanos com um pouco mais de três mil habitantes convertam-se em importantes centros de comércio. Quando a Bacia Platina é liberada

⁴ Com a resolução do litígio envolvendo o território de “Palmas”, no atual estado de Santa Catarina, em 1895. Não deixando de considerar os momentos de conflitos, como a Guerra do Paraguai, quando esses limites entre os países voltavam a ser questionados e redefinidos.

para a navegação internacional em 1852, essas cidades, conectadas aos portos de Buenos Aires e Montevideu através do Rio Uruguai, passarão a escoar toda a erva-mate produzida na região, e serão importantes pontos intermediadores das mercadorias vindas do Prata e introduzidas no Estado do Rio Grande do Sul.

Importante é lembrar dos vários projetos oficiais de estabelecimento de colônias agrícolas, com atração de europeus, na região do nordeste argentino, nas atuais províncias de Entre Ríos e Corrientes de onde, possivelmente, emanaram muitas informações sobre as condições de vida e possibilidades de negócio nesta Fronteira. Fato é que são centenas de europeus que passarão a viver nestas cidades da fronteira gaúcha, atraídos por oportunidades diversas e motivos particulares, não atrelados diretamente às ações de povoamento promovidas pelo governo da Província.

Para conhecer esses europeus que viveram nas cidades de São Borja, Itaqui e Uruguaiana ao longo da segunda metade do século XIX, empreendeu-se ao estudo dos registros eclesiásticos. Esses registros paroquiais não nos permitem penetrar na vida de todos os habitantes das Vilas mas, pelo menos, nos permite conhecer boa parte deles. Ao todo, foi constituído um banco de dados com 6.841 registros de batizados, 1.879 casamentos e 1.896 óbitos.

Diante dos dados estudados, ficou claro que, para uma região como a da Fronteira, o estudo da fonte deve iniciar pelos registros de batismos. Isso porque há uma grande parcela da população que nunca chegou a oficializar a sua união perante a Igreja. No entanto, esses casais estão batizando os seus filhos, meio através do qual o pesquisador toma conhecimento da existência de tal família.

Eis uma característica presente nas três cidades estudadas – o alto índice de ilegitimidade dos nascimentos, em decorrência da não regularização da união dos casais através do sacramento do matrimônio. Do total de 4.246 registros de batismos em Itaqui que tiveram tal informação descrita, 2.398 crianças eram filhas legítimas e as 1.848 restantes, ilegítimas ou naturais. Ou seja, Itaqui registra 43,5% de nascimentos ilegítimos. Em Uruguaiana e São Borja esse índice é um pouco menor, no entanto, ainda bastante expressivo. Os filhos naturais nascidos em Uruguaiana representavam 30,1% do total (484 casos entre 1.607), e em São Borja, os ilegítimos perfaziam 33,9% (252 casos entre 744).

Fato que se destaca é que entre os índices de Uruguiana e São Borja foram distinguidos os escravos, o que não aconteceu nos registros de Itaqui. Se contabilizados os escravos junto aos ilegítimos (sendo que os casos de escravos nascidos de uma união matrimonial oficializada eram poucos na região), as duas cidades também registrariam um percentual de mais de 40% de filhos naturais. Esses dados estão bastante aproximados àqueles encontrados por Roberto Schmit para a região de Entre Ríos, onde em 1849 os filhos ilegítimos representavam 30,6% do total de nascimentos.⁵

Além de entender a estrutura da população, perceber a organização familiar e o comportamento dos habitantes, minha busca às atas de batismos, casamentos e óbitos tinha um objetivo bastante definido – conhecer e mapear todos os imigrantes europeus encontrados. Para tanto, alguns registros foram mais esclarecedores do que outros. Infelizmente, alguns padres simplesmente ignoravam a nacionalidade daqueles que estavam a sua frente ou, pelo menos, não acharam importante fazer tal registro. Outros, no entanto, foram bastante meticolosos, colocando inclusive a região da Europa de onde o imigrante provinha. Dois outros grandes problemas, comuns a toda pesquisa que utiliza essa fonte, foram a grafia irregular dos nomes e, principalmente, sobrenomes e a grande presença de homônimos na população em questão.

Muito importante se torna esclarecer que os dados pesquisados e referências que se fazem à população imigrante nas cidades da Fronteira Oeste, referem-se exclusivamente aos imigrantes estabelecidos nas Vilas das cidades e arredores. Ou seja, definiu-se com área de estudo a região que constituía o 1º distrito de cada Município.⁶ Os motivos estão relacionados à grande extensão territorial de cada município e ao objetivo da pesquisa, que é entender a região de forma contínua, referenciando as atividades comerciais aí desenvolvidas.

Considerando sua área em relação à área total dos municípios, são os espaços mais densamente povoados, e que praticamente não perderam sua configuração (limites territoriais) ao longo das décadas estudadas. Além disso, o motivo que levou a sua escolha como campo de análise foi o fato de eles estarem estabelecidos até as margens

⁵ SCHMIT, Roberto. *Ruína y resurrección en tiempos de guerra*. Sociedad, economía y poder en el Oriente Entrerriano posrevolucionario, 1810-1852. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2004, p.81.

⁶ Considerando os dados da população para o ano de 1859 (AHR – código E-1) 37% de toda a população de Uruguiana vive no 1º distrito (3.233 habitantes). No 1º distrito de São Borja, concentra-se mais de 43% da população total (3.986 habitantes), e 50% da população de Itaqui reside no 1º distrito (3.326 habitantes).

do Rio Uruguai, nos quais se assentavam os núcleos mais urbanos, as Vilas em si. É nesta região que se encontram os portos, a maioria das casas comerciais, e demais serviços prestados a toda população. Nessa região, estavam as Câmaras Municipais, a Igreja Matriz, clubes e demais serviços aos quais a população que morava nas estâncias da Campanha necessitava. É nesta região que se mapeará a presença dos imigrantes europeus.

Ao longo da pesquisa, revelou-se o quão acertada foi a escolha de entender a região de forma integrada. De forma geral, os moradores das três vilas citadas movimentavam-se intensamente pela região de estudo. Foram muitos os casos em que o batizado de algum filho se dava numa cidade e o casamento desse mesmo filho em outra. Ou mesmo, o casamento numa cidade e o nascimento de todos os filhos e inclusive a morte do casal na cidade vizinha.

Ao falar dos negócios, então, impossível entender uma cidade isolada da outra. Uruguaiana, como alfândega, era responsável pela maior introdução de mercadorias provindas dos portos do Prata. Desta cidade, seguiam em carretas até as cidades vizinhas. Em função disso, os comerciantes e negociantes da região transitavam constantemente entre um ponto e outro⁷, estabelecendo alianças e relações de crédito. Ao mesmo tempo, os moradores são chamados para festas, para serem padrinhos na cidade vizinha ou inclusive mudam-se definitivamente.⁸

Depois de uma busca aos livros paroquiais, inventários e processos criminais chega-se a uma lista – preliminar – de imigrantes europeus que residiram nas Vilas de Uruguaiana, Itaqui e São Borja. A idéia de mapear o conjunto total dos europeus se deveu a necessidade de saber o quão representativo era o conjunto dos franceses (tema de minha tese) no total da população, mas também em relação aos outros imigrantes. A falta de trabalhos sobre o tema me instigou a saber quantos e quem eram esses imigrantes que viveram na Fronteira na segunda metade do século XIX.

No conjunto total foram nomeados 733 imigrantes europeus em Uruguaiana, 468 em Itaqui e 334 em São Borja. Nesta primeira lista foram anotadas além do nome e da nacionalidade, a idade, a ocupação e a nacionalidade do cônjuge – sempre que estes

⁷ Como Joaquim Arrondo, residente em Itaqui, que vai falecer no Hotel Galarraga, em Uruguaiana, no dia 16 de janeiro de 1898. Seu registro de óbito, portanto, foi feito no cartório de Uruguaiana.

⁸ Esse foi o caso do francês Clemente Elizalde, que batiza os primeiros filhos em Uruguaiana e, anos mais tarde, estará residindo em Itaqui.

dados apareciam. A primeira data, ou o primeiro evento do qual participaram na cidade foi igualmente anotado.

Total de imigrantes europeus e as nacionalidades mais representativas

Nacionalidades	ITAQUI	URUGUAIANA	SÃO BORJA
Alemanha	30	52	105
Áustria	11	6	6
Bélgica	0	4	2
Espanha	100	188	19
Estados Unidos	4	1	3
França	58	166	39
Inglaterra	2	7	3
Itália	181	206	54
Portugal	60	69	64
Prússia	0	2	14
Suécia	0	3	1
Suíça	11	7	0

Ao analisar a população dos imigrantes europeus, percebe-se que a maioria em termos absolutos é de italianos. São o grupo mais representativo em Itaqui, onde com 39% dos imigrantes da cidade tem destaque em números absolutos, e também em Uruguaiana, onde os italianos são 28% do grupo total de imigrantes. Nesta cidade, no entanto, o grupo é seguido de perto pelos espanhóis e franceses, que igualmente tem uma representatividade importante em Itaqui. As duas cidades apresentam uma relação e importância dos grupos bastante próxima, recebendo destaque os italianos, espanhóis e franceses.

São Borja, no entanto, apresenta uma grande distinção. Nesta Vila, os alemães são 32% da população imigrante, grupo que praticamente não aparece nas cidades anteriores. Em oposição, em São Borja, os italianos são apenas 16%. Esta distinção está relacionada ao contexto e momento em que esses imigrantes se dirigem para a Fronteira Oeste.

Presença dos europeus por décadas

Décadas	ITAQUI	URUGUAIANA	SÃO BORJA
1850	16	51	111
1860	88	158	73
1870	167	243	62
1880	177	218	27

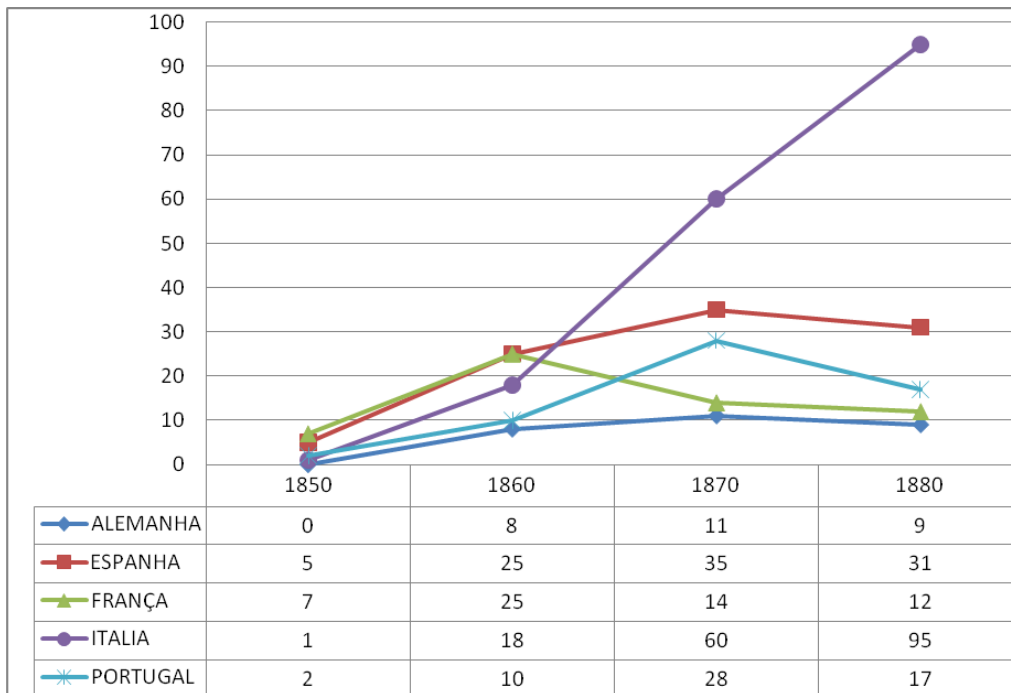
Para Itaqui, possivelmente, ocorra um sub-registro da presença dos imigrantes anterior a 1859, data de criação da Vila e a partir da qual os livros da Paróquia foram analisados. No entanto, ao longo da pesquisa isso será amenizado com a consulta a outros tipos de fontes. Os processos de justificações, embargos, e notas já evidenciaram a presença de vários imigrantes, na década de 1860, que não apareceram nos registros paroquiais.

O que se destaca nos registros de Uruguaiana é a importância de existirem os livros e atas para os últimos anos da década de 1840 e início de 1850. Além disso, os registros são bastante completos, com a indicação da nacionalidade inclusive dos padrinhos das crianças batizadas. Trata-se de um padre que coloca também o nome dos avós paternos e maternos, e a nacionalidade dos mesmos. No entanto, a qualidade desses registros não se mantém. As décadas seguintes apresentam péssimos registros, do que talvez decorra a não ascendência do número de imigrantes. Nestes registros, nem ao menos consta a nacionalidade dos pais, ou nome dos avós das crianças.⁹ Exigências foram feitas até em visita pastoral, mas que não foram cumpridas.

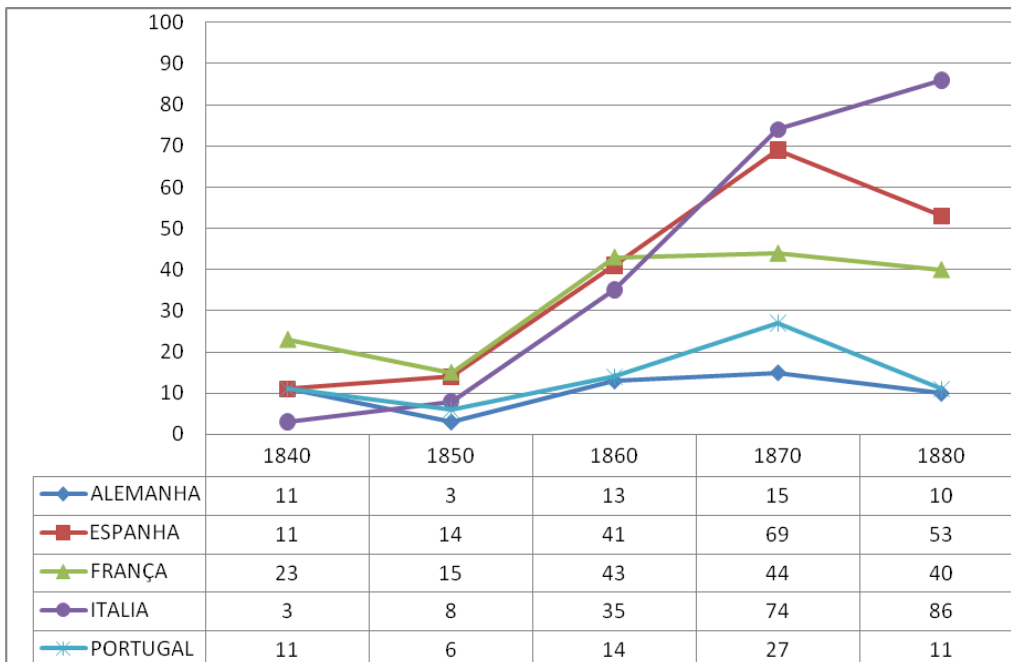
Em relação aos dados acima, importante é destacar que o número correspondente a cada década representa a vinda de novos europeus para a cidade. Ou seja, nos mostra a quantidade de europeus que se estabeleceram nas cidades em cada período. Esse dado foi definido a partir do primeiro registro encontrado para cada indivíduo, ou seja, a referência ao ano em que o imigrante passou a viver – ou estava vivendo - na cidade. Trata-se do ano aproximado da chegada do imigrante. Assim, o batizado de algum filho, ou mesmo o casamento, foram listados como a primeira data (o primeiro registro) da pessoa na região de estudo. A evolução da presença de cada grupo ao longo do período em estudo está nas linhas abaixo.

⁹ Como os registros de Uruguaiana dificilmente mencionavam a nacionalidade dos pais e/ ou noivos até a década de 1870, os portugueses dessa cidade certamente estão sub-representados nos dados, principalmente pela mescla de nomes, no que resulta um grande grupo de “lusos brasileiros”.

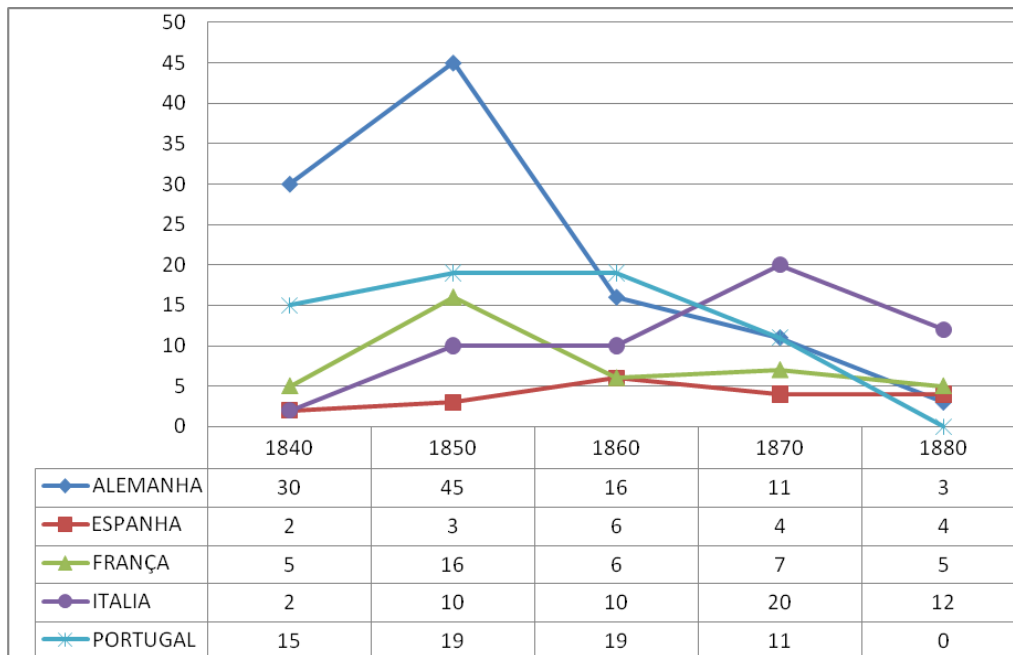
Presença dos europeus em Itaqui



Presença dos europeus em Uruguaiana



Presença dos europeus em São Borja



Novamente, as cidades de Itaqui e Uruguaiiana apresentam uma evolução bastante similar no mapa da chegada do contingente de europeus ao longo do período em estudo. Avaliando a evolução da corrente migratória de cada grupo, nas duas Vilas, há o aumento expressivo e absoluto dos imigrantes italianos com o passar das décadas. No pós 1870, os emigrados da Itália são maioria se considerado o total dos imigrantes. Esse aumento coincide com um novo momento na história da imigração, definido pela chegada de grandes contingentes populacionais italianos e espanhóis ao território sul-americano.

No entanto, até a década de 1860, os espanhóis e franceses constituíram a presença mais importante na região da Fronteira. Em Itaqui, no pós 1860 há uma pequena queda na vinda de novos imigrantes franceses e a chegada de novos espanhóis mantém-se regular. Em Uruguaiiana, a imigração dos franceses é mantida em números constantes durante todo o período e a espanhola apresenta queda somente em 1880.

A presença dos alemães é pequena, mas constante em ambas as cidades. Processo inverso ao percebido em São Borja, onde os alemães são o grupo hegemônico até 1860. Os franceses estão bem representados na cidade nesta década de 1860 e o número de italianos é bastante reduzido. Esse grande número de imigrantes alemães, e concentrado ainda na primeira metade do século XIX, tem relação direta com os

projetos de criação de colônias agrícolas na região das missões por parte da Província do Rio Grande do Sul. Como algumas das tentativas realizadas não tiveram sucesso, esses imigrantes estabeleceram-se em São Borja.

No entanto, para o meu estudo, a informação mais importante em relação à presença dos europeus na região da Fronteira, é aquela que apresenta os franceses como o grupo mais representado em Itaqui e Uruguaiana até a década de 1860. Disso infere-se que o processo imigratório e o estabelecimento nas cidades estudadas acontece justamente no momento em que há um visível crescimento econômico desses espaços, decorrente dos fluxos comerciais na região da Bacia do Prata.

Casamentos dos imigrantes europeus

Casamentos	Itaqui	Uruguaiana	São Borja
Com brasileiro (a)	153	142	116
Com latino-americano	41	67	9
Mesma nacionalidade	117	137	49
Com outro europeu	16	34	8

Ao analisar a nacionalidade dos cônjuges dos imigrantes europeus, chega-se a conclusão de que o maior contingente imigrante foi constituído por homens e mulheres solteiros. Para os casos em que se conhece tal informação, predominam os casamentos acontecidos no Brasil, depois da chegada à Fronteira.

O índice de casamentos acontecidos entre indivíduos de mesma nacionalidade também é bastante alto. Boa parte deles está representada por uniões que aconteceram no país de origem, antes da emigração. No entanto, são também muitos os casos de imigrantes casando com filhos/filhas de imigrantes da mesma nacionalidade. Muitos desses cônjuges são nascidos nos países vizinhos. É o caso de Felix Bilbás, espanhol, que casa com Juliana Fernandez, nascida na República Oriental do Uruguai, e filha dos espanhóis Manoel Fernandez e Ignez Reguera Fernandez que residem em Itaqui no momento do batizado dos filhos do casal Felix e Juliana. Miguel Ascaverreta, igualmente espanhol, vai casar com outra filha do casal Manoel e Ignez. Caso igual se repete muito entre os espanhóis e italianos.

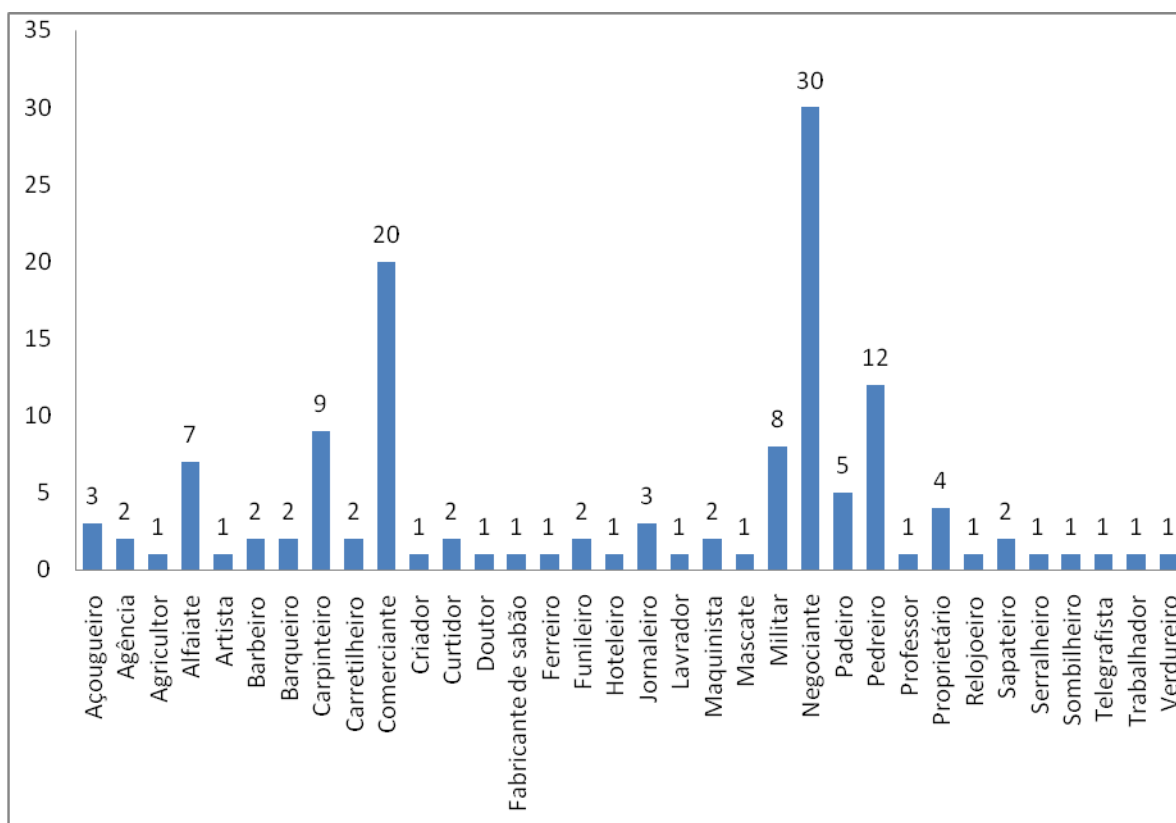
Ao que tudo indica, no pós 1880, quando chegam as grandes levas de italianos e espanhóis, o que se percebe é o aumento de casamentos endogâmicos entre esses

grupos, mas com uniões acontecendo no destino imigratório. Ou seja, são imigrantes recém chegados a América que procuram um par da mesma nacionalidade para casar. É evidente que os casamentos desses imigrantes homens com mulheres brasileiras continuam acontecendo, mas a endogamia é bastante grande.

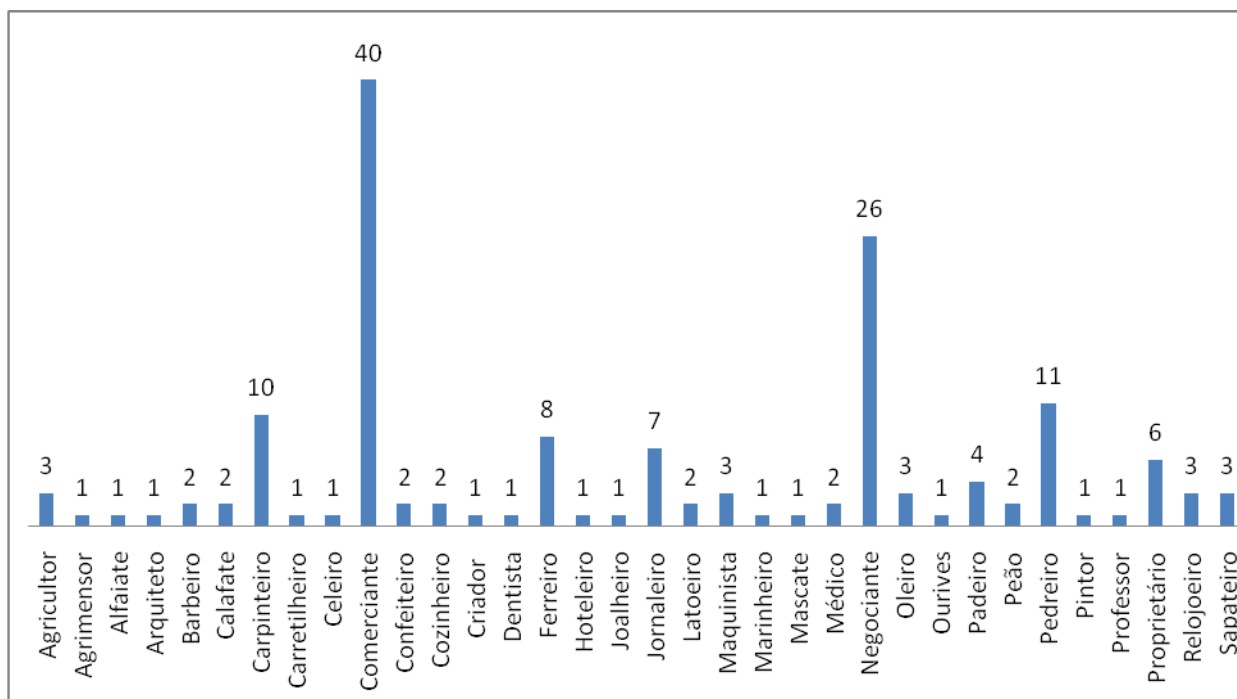
O que também acontece é o casamento dos recém chegados com viúvos, ou seja, imigrantes já chegados há mais tempo. Assim, se nas décadas de 1850 e 1860 casamentos endogâmicos, na sua grande maioria, indicam que o casal já emigrou casado, e por vezes já com filhos, nas décadas de 1870 e principalmente pós 1880, com a presença de um grande contingente de imigrantes no Brasil e na Argentina, os casamentos entre compatriotas aconteciam aqui.

Percebe-se, portanto, um aumento crescente do número de europeus que fixam residência em Itaqui e Uruguaiana ao longo da segunda metade do século XIX. Período este em que o comércio pelo rio Uruguai permitirá boas oportunidades de negócios para estes indivíduos. Nas Vilas, perceber-se-á o crescimento do fluxo de pessoas e mercadorias, gerando a necessidade de novos serviços e diversificando as possibilidades de trabalho no espaço urbano dessas cidades. A grande maioria destes europeus dedicar-se-ia ao comércio ou então aos ofícios citadinos.

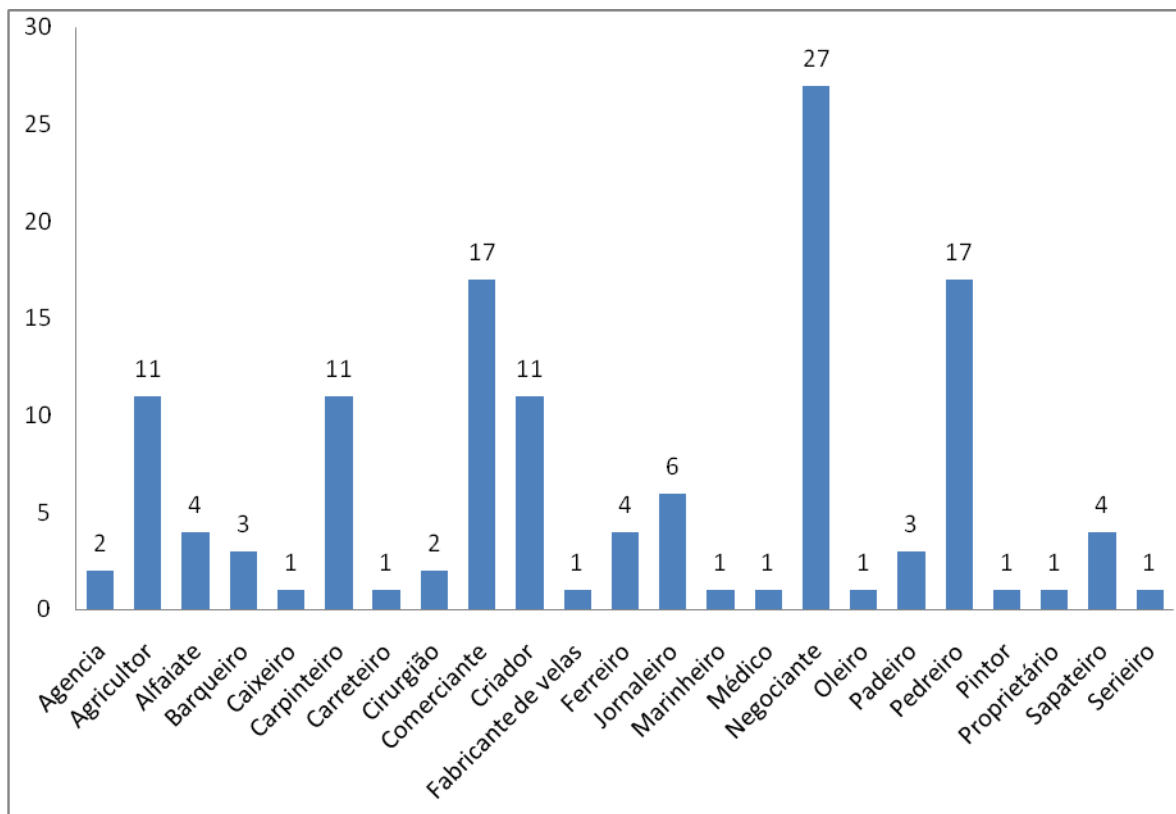
Ofícios dos imigrantes europeus – Itaquí



Ofícios dos imigrantes europeus – Uruguaiana



Ofícios dos imigrantes europeus – São Borja



Dentre os ofícios e profissões, aqueles que se dedicavam aos negócios e ao comércio ganham destaque nas três relações acima. Esse dado é confirmado por aqueles disponíveis para o ano de 1872, quando em relação às ocupações, o censo demonstrava haver em Uruguaiana 92 indivíduos estrangeiros dedicados às atividades do comércio. Estes representavam 57% do total de comerciantes da cidade. Em Itaqui, 70% dos comerciantes eram estrangeiros (142 num total de 204) e em São Borja, representavam 34%.

Como já dito, a informação sobre a profissão das pessoas só começa a aparecer de maneira mais intensa nas atas quando é instituído o registro civil no Estado, em 1874. Esse dado, portanto, é conseguido sobremaneira no estudo das fontes civis, como os inventários e processos de ordem diversa. Para tanto, realizou-se uma primeira busca a essa fonte, no sentido de complementar os registros conseguidos através das atas de batismos, casamentos e óbitos.

No Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, foram vistos todos os inventários das varas Cível e Crime, Família e Provedoria de Uruguaiana. No total,

foram vistos 426 autos, dos quais 46 eram de europeus que viveram e/ou morreram na cidade, deixando ali algum bem a ser inventariado. Foram vistos os inventários abertos entre os anos de 1850 e 1880. A cada cinco anos, foram anotados todos os dados referentes a todos os inventários. A partir de 1880, foram pesquisados somente os inventários e testamentos dos imigrantes europeus.

O estudo pormenorizado desta fonte será realizado ao longo da tese em desenvolvimento, quando se definirá a inserção econômica dos imigrantes franceses na Fronteira. Por hora, o importante é reafirmar uma questão já apresentada quando foi feita a referência aos ofícios dos imigrantes europeus. Apesar de que para os 114 óbitos de imigrantes europeus confirmados em Uruguaiana antes de 1880 só se ter encontrado o inventário de 46 deles, essa fonte confirma o investimento dos imigrantes em atividades e bens urbanos. Dos 46 inventários analisados, somente 05 deles apresentaram bens rurais, constituídos por campo ou então com quantidade superior a 100 reses.

Em sua grande maioria, portanto, os inventários dos imigrantes que viveram em Uruguaiana atesta que estes investiram em bens urbanos, notadamente em imóveis. O alemão Frederico Fabrício, por exemplo, tinha três moradas de casas na Rua Duque de Caxias, sob números 61, 69 e 71. Era de sua propriedade também uma outra morada, na mesma rua, que se dividia em três lances, sob números 63, 65 e 67. Ou seja, pode-se entender que as suas casas perfaziam uma grande extensão de um dos lados de uma das ruas mais ativas do centro da cidade.

A Rua Duque de Caxias¹⁰ era onde se concentravam boa parte das casas comerciais, inclusive a de Frederico, e demais serviços, como o hotel e o salão de cabeleireiro. Essas casas, com fachada ampla e extremamente bem localizadas, foram avaliadas em altos valores e possibilitavam um bom valor de aluguel.¹¹ Frederico era proprietário ainda de uma casa na rua General Bento Martins e de uma chácara com duas pequenas casas de material sita nos subúrbios da Vila. O que se percebe é que, a exemplo de Frederico, a maioria dos imigrantes tinha mais de uma casa na Vila de Uruguaiana.

¹⁰ Anteriormente denominada Rua do Comércio.

¹¹ Na Rua do Comércio, ou Duque de Caxias, o valor pago poderia ser entre 20 e 50 mil reis mensais por uma casa de material com vários cômodos.

Essas atividades relacionadas ao comércio e demais serviços urbanos possibilitavam a esses “negociantes” uma diversificação de atividades, investindo no serviço de transporte de carretas, contratando caixeiros, ou até mesmo no transporte fluvial. João Manoel da Rocha, português, morava na Rua do Comércio, “com negócio de fazendas”, na cidade de Uruguaiana. No entanto, tinha também uma casa de comércio na Vila de São Borja e outra no Passo de São Borja. A primeira dividia com um sócio e a segunda estava a cargo de seu filho adotivo. No porto de São Borja, em 1852, estava ele construindo um barco, com capacidade para transportar quatro mil arrobas. No porto de Uruguaiana, tinha ele uma chalana, já navegando há anos, com capacidade para 300 arrobas. Ou seja, para esses comerciantes o acesso e facilidade de transporte pelo rio era necessária para o bem andar dos seus negócios. No caso citado, a ligação constante e intrínseca entre os negócios nas cidades de Uruguaiana e São Borja exigiam que esse deslocamento de um ponto a outro fosse facilitado e rápido, dependendo necessariamente do rio Uruguai para isso.

Em relação aos comerciantes, percebe-se igualmente uma hierarquia e diversidade bastante grande. Há desde aqueles com diversos negócios em Buenos Aires, Montevideú, Campanha e Vilas da fronteira, agregando diversos caixeiros e diversificando seus investimentos, até aqueles que vendem suas mercadorias, em baús, pelo interior dos municípios. Há ainda um grande número daqueles estabelecidos com casa de negócio – geralmente de secos e molhados – na área central da Vila. A partir da análise dos inventários e processos sumários e ordinários essas relações ficam bastante claras, uma vez que constam os balanços de cada casa comercial, com ativo e passivo, e a lista dos credores e devedores. Ficam evidentes também as relações tanto entre comerciantes e clientes como entre os próprios comerciantes, podendo-se reconstituir a trajetória e preços das mercadorias entre os diversos fornecedores.

Neste contexto, grande parte das mercadorias eram vendidas “a crédito”. Nos cadernos borradores dos armazéns, poucas das dívidas citadas superavam os 30\$000, o que demonstra que deveriam ser pagas mensalmente. A lista dos devedores nos revela um aparente conhecimento e proximidade do vendedor dos seus fregueses, que são identificados a partir dos ofícios ou apelidos, que possivelmente os tornavam conhecidos de toda a população da Vila. Nesse sentido, o João Carpinteiro deveria ser

assim conhecido por toda a população de Uruguaiana, sendo assim também reconhecido pelo comerciante que lhe vendia os gêneros de primeira necessidade.

Se agregarmos a esse fato a questão da maioria deles morarem próximos uns dos outros, podemos considerar o conhecimento de fatos da vida de cada um por todos eles. Talvez se possa falar numa “vila onde todos se conhecem”, o que permite pensar na maior proximidade dos compatriotas vindos de outros países, mas também na sua rápida inserção na sociedade local, não ficando isolados em pequenos grupos. Importante é destacar que da análise dos inventários, foram nomeados 33 novos imigrantes – geralmente aparecendo como testemunhas – que não apareceram nos registros paroquiais, o que nos estimula a empreender uma busca aos imigrantes em uma gama bastante variada de fontes.